

OSWALDO DE CAMARGO : O LUGAR DE IDENTIDADE, RESISTÊNCIA E AFIRMAÇÃO DE UMA POÉTICA DE AUTORIA NEGRA NA LITERATURA BRASILEIRA.

Kárpio Márcio de Siqueira¹

Resumo:

O artigo apresenta uma visão panorâmica da literatura negra no Brasil, a pontuar o lugar de direito dessa literatura na história da produção literária da nação, apresentando o autor Oswaldo de Camargo como um dos autores representativos do movimento da negritude no Brasil, evidenciando sua postura como poeta na constituição de um cânone que de fato figurasse a imagem da sociedade brasileira, com essa perspectiva, o texto traz a análise literária de dois poemas do autor a dialogar com as ideias de identidade, resistência e afirmação da cultura negra a partir das artes em especial a de expressão literária.

Palavras – chaves:

Literatura Negra no Brasil; Oswaldo de Camargo; Identidade; Afirmação; Resistência;

Abstract:

This article show us a panoramic view of Brazil Black Literature, it shows the real place of this literature inside de literary production in our nation, beyond Oswaldo de Camargo, a big presenter of the black movement in Brazil, and put in evidence his importance as one of the authors who created a special canon that draws the real Brazilian society, and this text also brigs two of his poems in analyses and talking about identity, enduring and affirmation ideias that establishes black culture from the arts and specially from literature expression.

Key-words:

Brazil Black Literature; Oswaldo de Camargo; Identity; Affirmation; Enduring;

Introdução :

O artigo tem como objetivo o estudo analítico da poesia de Oswaldo de Camargo, no qual fazemos um recorte dos poemas, Escolha e Em Maio, na perspectiva de um diálogo com espaço do autor na Literatura Brasileira de autoria negra, a perceber , as identidade culturais da contemporaneidade, a linguagem literária, a literatura e identidade, e a literatura negra no Brasil que expressam uma quebra de silenciamento na história e na literatura de uma expressividade negra.

Tais lacunas seculares impostas às representações do negro e da cultura africana em países colonizados trouxeram à contemporaneidade profundas inquietações que vão criar força nos

¹ Mestrando em Crítica Cultural, pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus II – Alagoinhas.

Estudos Culturais e nos programas de pós-graduação que dialogam com as vertentes das artes, literatura e cultura. Nessa perspectiva os estudos de literatura perpassam as pesquisas ambientadas no espaço das literaturas que por muito foram consideradas marginais, percebendo a ausência dos seus lugares de direitos, negligenciados pela sociedade hegemônica e que culminaram em espaços rizomáticos, operando na pesquisa em crítica cultural, como instrumento fenomênico de busca do reconhecimento do lugar dessas representações.

Dialogando com Deleuze e Guatarri (1997) é mister entender que os modos de produção artística também são caracterizados por formas únicas relativas aos valores das relações dentro das quais elas nascem, essas referências necessitam responder questionamentos sobre o lugar dessas produções no cenário contemporâneo, o seu impacto como elemento desconstrutor de verdades impostas no percurso histórico da humanidade e como essa manifestação artística desenha a cultura. Num vislumbre,

[...] cultura remete sempre ao relacionamento com as diferenças, logo, com o sentido. Este é filosoficamente entendido como a condição necessária à existência de significações ou conceitos, veiculados pelos discursos atuantes na organização social. (SODRÉ, 1988, p.43)

Nesse percurso iniciaremos o tecido textual pela apresentação da Literatura Negra Brasileira, a pontuar um lugar de consolidação de cultura e expressividade dos ancestrais e descendentes da África, em segundo momento apontamos o representante relevante dessa constituição no Brasil, o escritor Oswaldo de Camargo, e por fim consolidamos com a análise dos poemas do referido autor, apontando no discurso poético camarguiano identidade, resistência e afirmação.

LITERATURA NEGRA BRASILEIRA – O LUGAR DO LUGAR.

Na literatura documental a hegemonia identitária dos colonizadores sempre incitou de maneira maciça a ausência da outro, o habitante natural ou o imigrante escravizado, esse movimento de construção ideológica traduziu um esvaziamento, ao longo da história dos países colonizados, de alicerces culturais genuinamente nacionais, implicando a negação do índio, do negro, da cultura outra, do não cristianismo entre outros movimentos étnicos - culturais que não representassem a esfera cultural dos colonizadores.

Esse desenho etnocêntrico de cunho europeu objetivava atribuir aos povos recém-descobertos e/ou dominados uma construção de uma identidade balizada nos aspectos dos colonizadores, preconizando uma ideia de que o estranho é o que tem valor, inviabilizando a ostentação do que é subjetivo por natureza.

Os textos inaugurais sobre as Américas, escritos pelos descobridores e mais tarde pelos primeiros viajantes e colonizadores, têm uma característica comum: negar uma identidade aos autóctones, insistindo na negatividade, na carência e cunhado, de certa forma, uma matriz identitária marcada pela falta e pela privação. (BERND, 2003, p.22)

Durante os séculos XVI a XVIII, o espaço etnocêntrico no Brasil instituiu modelos éticos e estéticos dominantes, projetando modelos particulares como elementos universais de comportamento, assolando a sociedade a partir da disseminação de uma cultura endógena e violenta. Nesse percurso temporal, à literatura foi facultada que as representações dos povos não-brancos e não-dominantes, deveriam ser como meros personagens de figuração social, sem inserir-se no âmago das questões sociais enfrentadas pelas quais estes sujeitos representados foram silenciados, essa literatura, a priori, representava um modelo hermético, centrada nas ideias de nação europeizada que de forma alguma empreendia o espaço do nativo ou de outras etnias.

Nesse espaço de negação, as literaturas consideradas marginalizadas rejeitam essa classificação periférica ou marginal, elas pautam no papel de literatura emergente, assim podemos, atribuir a elas, o recorte de uma elaboração da consciência nacional, que busca preencher as lacunas da memória coletiva e a essencialização do sentimento de identidade como traço da autonomia.

Nesse complexo caminho de constituição da Literatura Negra no Brasil, Zilá Bernd traz a ideia de que essa literatura está ligada ao entendimento de uma rotatividade, marcada pelas presenças variáveis do negro na literatura, e ainda a compreensão que o signo NEGRO, nos direciona a ofensa e humilhação, mas também pode ter a acepção de orgulho. (1998)

O espaço da Literatura afrobrasileira detém como marca o estado metamórfico de ser a própria maquinaria de guerra contra a omissão histórica, ao tempo que os estudos da literatura negra apontam para um olhar artístico, cultural e porque não dizer científico, a perceber que este movimento abre espaço para um reparo secular, no qual, a identidade negra se ofuscou, em meio, a imposição de uma cultura europeia instalada nos países colonizados, que de maneira brusca, silenciou a cultura de um povo e instituiu marcas estrangeiras, apontando para uma tendenciosa assimilação da cultura-dominante no espaço de colonização.

Na perspectiva de trazer ao cerne desse trabalho, uma consubstancia poética e prosaica na literatura de autoria negra no Brasil, inclinamos o olhar, a um dos maiores representantes do Cânone da Literatura Brasileira de expressividade negra, Oswaldo de Camargo.

O LUGAR DE OSWALDO DE CAMARGO

O Brasileiro OSWALDO DE CAMARGO, escritor negro nascido em São Paulo, jornalista do Jornal 'A tarde de São Paulo', poeta, crítico literário em Literatura Negra, grande contribuinte nas manifestações da cultura negra que vão desde a participação na Associação Cultural do Negro a produções que direcionam a essência da cultura negra no meio sócio-artístico e na imprensa, é relevante o seu papel como fomentador de espectros da literatura de autoria negra, sua base de estética literária, além da sua participação como autor, co-autor, apresentador e crítico de vários trabalhos na vertente literária e crítica da Literatura Brasileira de expressividade negra.

LUGARES DA POÉTICA DE OSWALDO DE CAMARGO

Quando nós é indagado sobre o poder de fala do subalterno, Spivak, na verdade, questiona em que lugar está a representação do subalterno, onde está esta fala? Em consonância Paul Gilroy no livro *Entre campos: nações, cultura e fascínio da raça*, trata essa questão.

A linguagem distintiva da identidade aparece novamente quando as pessoas buscam calcular como o pertencimento tácito a um grupo ou uma comunidade pode ser transformado em estilos mais ativos de solidariedade, quando elas debatem sobre o lugar em que se devem constituir as fronteiras em torno de um grupo e como devem ser impostas – se de fato forem necessárias. A identidade se torna uma questão de poder a autoridade quando um grupo procura realizar a si próprio de uma forma política. (2007: p.125)

Essa ideia de poder apresentado pelo autor, outorga uma necessidade de se afirmar perante ao outro, como, recorte emblemático de uma identidade constituída e adquirida pelo próprio falante, a envolver-se na cultura e na íntima expressividade de sua história.

Com essa ótica, apresentamos o espaço de expressividade da cultura, identidade e resistência negra que emaranham a poética da Oswaldo de Camargo, a traduzir a sua produção literária, não apenas como um grito após anos de silêncio, mas como um produto literário de extrema sensibilidade e incursão histórica.

Destacamos, inicialmente, o poema “ Escolha” (1984: p.32) que evoca uma liberdade, apontando o quanto é difícil esse desenho da identidade diante de uma sociedade predominantemente considerada não negra.

Escolha

Eu tenho a alma voando
No encalço de uma ave cega:
Se escolho rumo do escuro
Me apoio à sombra do muro
Pousado na minha testa.
Se elejo o rumo da alvura
Falseio os passos da vida
E me descubro gritando
Um grito que não é meu.
Que faço das mãos cobertas
De um sol doído só de África?
E do tantã nestas veias,
Turbando o ritmo ao sangue?

A principiar pelo título, o poeta, já se mostra indeciso sobre o seu grito de identidade, a palavra escolha sugere alternativas, lados, culturas, o que seguir? o que ser? Nessas interrogações o eu-lírico aponta o quanto perdido se encontra, o homem negro, sem saber a que cultura é pertencente agora, afugentado pela possibilidade de escolher o que se assemelha e ser julgado pela inferioridade a que lhe conferiram na sociedade ou optar por um mascaramento cultural e dentro dele não se entender, não se perceber.

Em consonância, o poeta, ainda na primeira estrofe, faz indagações sobre a impossibilidade de esconder suas reais origens, sua cor, seu ritmo, sua ancestralidade, marcando o seu discurso com o desenho de uma voz da Negritude.

Na face o dia não pousa
E o seu cesto de alegria
E a amanhã precipita
Ventos e noites amargas

Como fechamento, o poeta desenha um sentimento de pessimismo diante de tantas impossibilidades identitárias, aponta que ainda, recai sobre ele a dúvida de como o seu futuro é paradoxal, de que a impossibilidade de ser “ EU-NEGRO” paira sobre o cenário vindouro. A perceber o discurso camarguiano,

A poesia de Oswald de Camargo reflete a crise do poeta que toma consciência de seu hibridismo cultural: de um lado, suas raízes africanas e os elementos culturais ligados a esta ancestralidade pulsam dentro dele, lembrado-lhe de sua origem e do outro, o apelo cultural do mundo branco e dos valores morais do ocidente não deixam de exercer um enorme fascínio. (BERND, 1992, p.64)

Oswaldo de Camargo, ecoa um discurso centrado na condição de um ser negro liberto de marcas culturais limitativas, recheado de aspectos de cultura diversos, e mergulhado num mundo que reflete a condição pluriétnica das Américas, porém, mesmo diante desse hibridismo cultural, as marcas da negritude se fazem presentes como ferramenta de um discurso pró identidade.

No poema “Maio”, Camargo traz à tona um grito de reflexão sobre o que de fato seria a concessão da liberdade, seria uma reparação ou mais uma figuração do imaginário popular.

EM MAIO

Já não há mais razão de chamar as lembranças
e mostrá-las ao povo
em maio.
Em maio sopram ventos desatados
por mãos de mando, turvam o sentido
do que sonhamos.

Na primeira parte do poema, a iniciar pelo título “ *EM MAIO*” , o poeta demarca um momento tido oficialmente como histórico do povo brasileiro, a libertação dos escravos, ainda o tecido textual no mostra os elementos simbólicos que abrigavam o imaginário popular da época, a permitir uma leitura na qual se configura que a referia libertação, advinda de um cenário endocêntrico, de nada alimentava ou fortalecia a luta por identidade até, então, sufocada e oprimida, nos versos *Em maio sopram ventos desatados/por mãos de mando, turvam o sentido/do que sonhamos*, a anunciação desse distanciamento entre o sentimento político de libertação do povo negro e a ação europeia, fica distintivamente notório na expressão poética de Camargo.

Em maio uma tal senhora liberdade se alvoroça,
e desce às praças das bocas entreabertas
e começa:
Outrora, nas senzalas, os senhores...
Mas a liberdade que desce à praça
nos meados de maio
pedindo rumores,
é uma senhora esquelética, seca, desvalida
e nada sabe de nossa vida.

Na segunda parte do poema, o autor, faz-se refletir o espaço da liberdade no Brasil, seu percurso, a ver nos versos : *Em maio uma tal senhora liberdade se alvoroça/ e desce às praças das*

bocas entreabertas /e começa: /Outrora, nas senzalas, os senhores... , o poeta simbólicamente, traça o caminho do processo de abolição da escravatura no Brasil, primeiramente, pelo Lei do Ventre-Livre em 1871, seguida pela Lei dos Sexagenários em 1885 e por fim a Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, no entanto, o olhar crítico do poeta, não deixa esmorecer na continuidade do poema, as marcas adversas ao sentimento de identidade que a liberdade legal, agora favoreceria, em destaque, *Mas a liberdade que desce à praça / nos meados de maio /pedindo rumores, / é uma senhora esquelética, seca, desvalida / e nada sabe de nossa vida.* Nesse sentido, Barbosa (2002, p.34) complementa,

É evidente que existe um lugar socialmente previsto na estrutura da sociedade dominante para os agrupamentos culturais e étnicos A e B, e quando um membro ou uma fração do agrupamento não corresponde ao seu devido lugar, mas contrariamente, deseja alçar-se a “ outros lugares”, valendo-se de regras democráticas, isto provoca a ação de meios de o remeter a seu lugar legítimo. Essa é uma das formas mais difundidas do racismo. Sua premissa é o convencimento ou autoconvencimento da inferioridade (ou inexistência) do outro.

Concatena-se, então, a ideia de Barbosa e a reflexão poética de Camargo, ao entender que a libertação dos escravos, soaria como um manifesto aos gritos de libertação, mas, não para atendê-la, e, sim, para ignorá-la, para aprisioná-la no seu próprio espaço, sem possibilitar aos recém-livres gritos de identidade e de democracia.

Camargo, de maneira identitária, entrega a sua reflexão, a ideia de identidade negra, que não é aquela, apresentada socialmente e politicamente por uma lei que sufoca o ar, o grito de ser negro, mas, uma que impera no mais íntimo sentimento de Negritude que homens e mulheres possam eleger. A perceber nos versos :

A liberdade que sei é uma menina sem jeito,
vem montada no ombro dos moleques
e se esconde
no peito, em fogo, dos que jamais irão
à praça.

Para finalizar seu pensamento, o eu-lírico, mais uma vez, abre espaço para a crítica e esboça o que se quis projetar no imaginário popular de uma maneira irônica, a perfazer o sentimento dos que muito lutaram e pouco alcançaram, mas que se fragilizavam e se auto-identificavam com o (não)espaço de liberdade.

Na praça estão os fracos, os velhos, os decadentes

e seu grito: Ó bendita Liberdade!
E ela sorri e se orgulha, de verdade,
do muito que tem feito!

As apresentações poéticas de Camargo sugerem uma reflexão ao texto,

O indivíduo, ao dirigir a sua vida para uma determinada direção formula a sua identidade. A história em andamento do indivíduo é, portanto, a formulação da identidade, que dá sentido ao que está sendo. [...] ao se lançar para o futuro, o indivíduo busca realizar o sentido da sua própria existência como identidade. (ARAÚJO, 2006, p.94)

Esse diálogo, posiciona o Homem poeta, O negro poeta, o Ativista poeta, o Ser Humano poeta que habita a visão sócio-cultural de Oswaldo de Camargo, a consolidar a sua simbologia agregada à poeticidade, traduzindo poesia em reflexões, história em simbologia, política em imaginário popular, enfim, adentrando o espaço da Literatura Brasileira, ao ser fazer Literatura Negra.

CONSIDERAÇÕES

O material textual apresentado intencionou o estudo da Literatura Negra no Brasil, como movimento político- literário propulsor das manifestações discursivas poéticas de Oswaldo de Camargo, a pontuar em seus discursos as várias nuances da luta dos negros pelo reconhecimento e a valorização de suas marcas culturais ancestrais, em contraposição ao silenciamento imposto pelos colonizadores.

No cerne do estudo, discutimos de maneira breve a Literatura Negra um diálogo permissivo entre a história e as artes, o lugar de Oswaldo de Camargo na Literatura Brasileira de autoria negra, uma análise da poética deste, que desconstrói verdades tidas como absolutas para reapresentá-las num cenário simbólico, entre o real e o imaginário.

As ideias conclusivas aqui apresentadas, identificam a qualidade da escrita de Oswaldo de Camargo, por apresentar um discurso recheado de afirmações culturais o que marca consolidação de um fazer literário mais humano e solidário, a evidenciar a raça negra politicamente ativa, intelectualmente reflexiva e socialmente igualitária, marcando fortemente a presença e a influência do movimento da Negritude.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Paulo Roberto M de. **Identidades contemporâneas: criação, educação e política.** Porto Alegre, RS: Zouk, 2006
- BARBOSA, Wilson do Nascimento. **Cultura negra e dominação.** São Leopoldo, RS: 2002.
- BERND, Zilá. **O que é Negritude.** Coleção primeiros passos. Ed. Brasiliense, 1988.
- BERND, Zilá. **Literatura e Identidade Nacional.** Editora da UFRGS, 2ª Ed. 2003.
- BERND, Zilá; LOPES, Cícero Galeno (org). **Identidades Estéticas Compositórias.** Porto Alegre: PPGL/UFRGS, 1998.
- CAMARGO, Oswaldo de. **O Estranho.** São Paulo: Roswitha Kempf Editores, 1984.
- CÂMARA, Nelson. **Escravidão nunca mais : um tributo a Luiz Gama.** São Paulo : Lettera.doc, 2009.
- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. Introdução: Rizoma. In: **Mil Platôs.** São Paulo: Editora 34, 1997.
- GILROY, Paul. **Entre campos: nações, cultura e fascínio da raça.** Trad. Célia Maria Marinho de Azevedo et Al, São Paulo : Annablume, 2007.
- HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira LopesLouro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida.** Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1988.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** Belo Horizonte, EditoraUFMG, 2011.